

TONI MORRISON

A origem dos outros

Seis ensaios sobre racismo e literatura

Tradução Fernanda Abreu

Prefácio Ta-Nehisi Coates

PRÊMIO  NOBEL
COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2017 by Toni Morrison
Copyright do prefácio © 2017 by Ta-Nehisi Coates

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

The Origin of Others

Capa

Alceu Chiesorin Nunes

Imagem de capa

Kara Walker, *The Gross Clinician Presents: Pater Gravidam* (detalhe), 2018, grafite, tinta sumi, pigmento gofun e guache sobre papel, 38 desenhos de dimensões variadas. Coleção Kunstmuseum Basel [Museu de Arte de Basileia], Suíça

Preparação

Ana Martini

Revisão

Valquíria Della Pozza

Camila Saraiva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Morrison, Toni

A origem dos outros : Seis ensaios sobre racismo e literatura / Toni Morrison ; tradução Fernanda Abreu ; prefácio Ta-Nehisi Coates. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2019.

Título original: The Origin of Others.

ISBN 978-85-359-3285-0

1. Negros — Identidade racial 2. Mulheres e literatura — Estados Unidos — História — Século 20 3. Povos multirraciais — Estados Unidos 4. Raças — Estados Unidos 5. Racismo — Estados Unidos
I. Coates, Ta-Nehisi. II. Título.

19-29620

CDD-305.420973

Índice para catálogo sistemático:

I. Raças : Racismo : Estados Unidos : Relações sociais
305.420973

Maria Alice Ferreira — Bibliotecária — CRB-8/7964

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhidasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhidasletras

instagram.com/companhidasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

Prefácio — Ta-Nehisi Coates, 7

1. Romantizando a escravidão, 21
2. Ser ou tornar-se o estrangeiro, 41
3. O fetiche da cor, 66
4. Configurações de negritude, 82
5. Narrar o outro, 105
6. O lar do estrangeiro, 122

Agradecimentos, 145

Sobre a autora, 147

Prefácio

Ta-Nehisi Coates

Na primavera de 2016, Toni Morrison deu uma série de palestras na Universidade Harvard sobre “a literatura do pertencimento”. Levando em conta a natureza de seu notável catálogo, não é nenhuma surpresa que ela tenha voltado seu interesse para o tema racial. As palestras de Morrison chegaram num momento auspicioso. Barack Obama iniciava o último ano de seu segundo mandato. Seus índices de aprovação estavam em alta. O insurgente movimento Black Lives Matter [Vidas Negras Importam] alçara a brutalidade policial ao primeiro plano dos debates nacionais, e, ao contrário da maioria das “conversas

sobre raça”, essa gerava resultados. Os dois ministros da Justiça negros de Obama, Eric Holder e Loretta Lynch, haviam aberto investigações sobre corporações policiais país afora. Relatórios provenientes de Ferguson, Chicago e Baltimore apresentaram provas do tipo de racismo sistêmico que por muito tempo esteve restrito sobretudo à anedota. Imaginava-se que essa abordagem agressiva continuaria sob o governo da primeira presidente mulher do país, Hillary Clinton, que, na época em que Morrison deu início às suas palestras, gozava de larga vantagem em relação a um homem que o mundo considerava não ter chance na política. Tudo isso apontava para um país decidido a desafiar os preceitos da história e finalmente se aproximar da extremidade mais justa no longo arco do universo moral.

E então o arco ficou ainda mais longo.

A primeira reação à vitória de Donald

Trump foi minimizar o que ela dizia a respeito do racismo norte-americano. Surgiu uma indústria de fundo de quintal afirmando que a eleição de 2016 fora um levante populista contra Wall Street fomentado pelos excluídos da nova economia. Dizia-se que Clinton tinha sido condenada por seu foco na “política identitária”. Esses argumentos muitas vezes traziam consigo as sementes de sua própria anulação. Ninguém jamais explicou por que aqueles que mais vezes foram deixados para trás por essa nova economia, os trabalhadores negros e latinos, nunca chegaram a integrar a coalizão de Trump. Além do mais, alguns dos próprios críticos da “política identitária” de Clinton não tiveram problema algum em usá-la. O senador Bernie Sanders, principal adversário de Clinton, pôde ser ouvido numa semana exaltando suas raízes na classe branca trabalhadora, e na outra instando os democratas a “superarem” a po-

lítica identitária. Pelo visto, nem toda política identitária tem o mesmo peso.

A origem dos outros, o novo livro de Morrison decorrente da série de palestras ministradas por ela em Harvard, não trata diretamente da ascensão de Donald Trump. No entanto, é impossível ler suas ideias a respeito do pertencimento, de quem se encaixa e de quem não se encaixa sob o guarda-chuva da sociedade, sem pensar no atual momento em que vivemos. *Origem* conduz sua investigação no campo da história dos Estados Unidos, endereçando assim a mais antiga e mais potente forma de política identitária na história do país: a política identitária do racismo. Esta é uma obra sobre a criação de “outros” e a construção de muros, uma obra que lança mão da crítica literária, da história e das recordações pessoais numa tentativa de compreender como e por que acabamos associando esses muros à cor da pele.

O livro de Morrison se insere num conjunto de obras, desenvolvido ao longo do último século, que defenderam de modo eficaz a natureza indelével do racismo branco. Entre os autores que a acompanham estão Sven Beckert e Edward Baptist, que revelaram a natureza violenta desse racismo e os lucros advindos dele; James McPherson e Eric Foner, que mostraram como o racismo deu origem à Guerra Civil norte-americana e em seguida minou os esforços de reconstrução do país; Beryl Satter e Ira Katznelson, que explicaram como o racismo corrompeu o New Deal; e Kahlil Gibran Muhammad e Bruce Western, que mostraram como, na nossa época, o racismo preparou o terreno para a era da encarceração em massa.

Mas o primo mais próximo do trabalho de Morrison talvez seja *Racecraft*, livro de Barbara Fields e Karen Fields, que defende a ideia de que os norte-americanos buscaram er-

radicar o crime do racismo, que é ativo, com o conceito de raça, que não o é. Quando dizemos “raça” em oposição a “racismo”, nós materializamos a ideia de que raça é de alguma forma um elemento do mundo natural, e o racismo seu resultado previsível. Apesar de toda a literatura acadêmica demonstrar que essa formulação está no sentido contrário, que o racismo precede a raça, os norte-americanos ainda não entenderam direito. Assim, é comum falarmos em “segregação racial”, “abismo racial”, “divisão racial”, “filtragem racial” ou “diversidade racial”, como se cada um desses conceitos estivesse fundamentado em algo que não foi criado por nós mesmos. O impacto disso não é insignificante. Se “raça” é obra da genética ou dos deuses, ou de ambos, então podemos perdoar a nós mesmos por nunca termos solucionado o problema.

A investigação de Morrison parte do lugar menos confortável que afirma que a raça só

está tangencialmente relacionada à genética. A partir daí, ela nos ajuda a entender como um conceito que parece tão frágil pode ter uma influência tão forte sobre milhões de pessoas. O conceito-chave, defende ela, é a necessidade de confirmar a própria humanidade ao cometer atos desumanos. Ela examina os relatos do fazendeiro Thomas Thistlewood, que registra em seu diário o estupro sistemático de mulheres escravizadas com a mesma desenvoltura com que descreve a tosa de ovelhas. “Entremeadas a suas atividades sexuais aparecem anotações sobre cultivo, tarefas, visitantes, doenças, e assim por diante”, conta-nos Morrison de modo arrepiante. Que tipo de trabalho psicológico Thistlewood precisou fazer para se tornar tão insensível ao estupro? O trabalho psicológico da outremização, de convencer-se da existência de alguma forma de distinção natural e divina entre escravizador e escravizado.

Depois de analisar as violentas surras que a escravizada Mary Prince leva de sua senhora, Morrison diz:

A necessidade de transformar o escravizado numa espécie estrangeira parece ser uma tentativa desesperada de confirmar a si mesmo como normal. A urgência em distinguir entre quem pertence à raça humana e quem decididamente não é humano é tão potente que o foco se desloca e mira não o objeto da degradação, mas seu criador. Mesmo supondo que os escravizados exagerassem, a sensibilidade dos senhores é medieval. É como se eles gritassem: “Eu não sou um animal! Eu não sou um animal! Eu torturo os indefesos para provar que não sou fraco”. O risco de sentir empatia pelo estrangeiro é a possibilidade de se tornar estrangeiro. Perder o próprio status racializado é perder a própria diferença, valorizada e idealizada.

Embora Morrison esteja se referindo a escravizadores e escravizados, sua argumentação sobre status continua válida hoje. Os últimos anos testemunharam um desfile constante de vídeos nos quais policiais norte-americanos aparecem espancando, dando choques, enforcando e atirando em pessoas negras por infrações relativamente brandas ou inexistentes. Os afro-americanos, assim como muitos outros cidadãos dos Estados Unidos, ficaram horrorizados. E ainda assim a linguagem da justificação se revelou familiar. Quando o policial Darren Wilson matou Michael Brown, ele declarou que Brown parecia estar “se preparando para correr dos disparos”, ato que transformava Brown em algo além de humano, mas no fim das contas em algo aquém de humano. O aspecto sub-humano de sua morte foi reforçado pela decisão de deixar seu cadáver cozinhando no concreto em pleno verão. Transformar Brown numa espécie de monstro

justifica seu assassinato e permite a uma força policial que, segundo um relatório do Ministério da Justiça, mal passava de um bando de gângsteres, considerar-se legítima, considerar-se perfeitamente humana.

A desumanização racista não é apenas simbólica; ela delimita as fronteiras do poder. “A raça é uma ideia, não um fato”, escreve a historiadora Nell Painter. Nos Estados Unidos, parte da ideia de raça é que o fato de ser branco acarreta automaticamente uma chance menor de morrer como Michael Brown, ou Walter Scott ou Eric Garner. E a morte é apenas o exemplo superlativo do que significa viver como um “Outro”, existir além da fronteira de um grande “pertencimento”. O tipo de “angústia econômica” que supostamente jogou os eleitores nos braços de Donald Trump representaria uma melhora de vida significativa para a maioria das pessoas negras. Nas primárias republicanas, a renda

média familiar de um eleitor de Trump era aproximadamente o dobro da renda média de uma família negra norte-americana padrão. A atual onda de empatia diante de uma epidemia de opioides majoritariamente (porém não exclusivamente) branca é bem diferente da onda de condenação surgida durante a crise do crack na década de 1980. A atual onda de preocupação ante o aumento dos índices de mortalidade entre um tipo específico de homem branco é bem diferente da apatia resignada em relação aos altos índices de mortalidade que sempre assombraram a vida negra neste país.

O racismo faz diferença. Ser um Outro neste país faz diferença, e a verdade desanimadora é que provavelmente continuará a fazer. É raro que comunidades humanas abram mão de privilégios por simples altruísmo, e portanto o único mundo em que se pode imaginar os apoiadores da branquitude renunciando

do à sua religião é um mundo em que seus privilégios se transformem num luxo ao qual eles não se podem dar. Já vimos momentos como esse na história dos Estados Unidos. Uma guerra civil prolongada levou os brancos a concluírem que os negros eram bons o suficiente para morrer lutando por eles. Uma guerra fria com a União Soviética transformou o sul de Jim Crow num constrangimento global e numa propaganda fácil para os inimigos do país. E a política de George W. Bush, o atoleiro de uma guerra em duas frentes, uma economia em queda livre e o fracasso monumental do governo federal após o furacão Katrina prepararam o terreno para o primeiro presidente negro do país. Uma onda de esperança sucedeu a cada um desses casos, uma sensação de que o país tinha dado um jeito de derrotar a história. E em cada um desses casos essa esperança acabou frustrada.

Para entender por que estamos neste mes-

mo lugar outra vez, temos a sorte de ter Toni Morrison, uma das melhores autoras e pensadoras que este país já produziu. Enraizada na história, sua obra produz beleza a partir de algumas das manifestações mais grotescas. Mas essa beleza não é uma fantasia, portanto não deveria ser nenhuma surpresa que Morrison esteja entre aqueles que compreendem o poder da história sobre todos nós. *A origem dos outros* explica essa compreensão e, ainda que não demonstre uma saída imediata dos grilhões do passado, o livro é uma ajuda bem-vinda para refletir sobre como surgiram tais amarras.